Previsões Folclóricas das Sêcas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro

JÓSA MAGALHÃES

No Nordeste, as alternativas das sêcas e dos invernos nunca deixam de suceder-se com desconcertante irregularidade. Surgem as sêcas quando menos as esperamos e jamais, igualmente, deixam de surpreender. As perquirições meteorológicas até hoje realizadas são tôdas falhas, ilusórias, carecentes de positividade. "Qualquer pessôa, diz Luís Vieira, ex-inspetor do D.N.O.C.S., em uma de suas entrevistas, pode dar a sua opinião sôbre a época em que se verificarão as sêcas. Nenhuma, porém, o fará com precisão, pois, até o presente momento, nem mesmo as pessôas entendidas em meteorologia, conseguiram fixar com absoluta certeza os períodos de sêcas". De sua parte, afirma Sampaio Ferraz (**A previsão do tempo — Indicações e abusões condenáveis. Anuário do Ministério da Agricultura**, 1928) que "A ciência meteorológica ainda está muito atrazada e os fenômenos atmosféricos são demais complexos para que se torne absoluta a previsão do tempo, mesmo a elaborada em cartas sinópticas". A confirmação destes conceitos temo-la no seguinte fato: Em começo de 1932, o diário oficial — **A União** — de João Pessôa, publicou uma comunicação do Diretor do Serviço de Meteorologia, enviada ao Ministro da Agricultura, em que prognosticava "para o ano de 1932 chuvas copiosas e, possìvelmente, enchentes para todas as zonas do Nordeste".

A realidade do 32 deve de ter sido decepcionante para o Serviço de Meteorologia, pois, o que vimos naquele ano foi uma grande sêca. Todavia, o ilustre meteorologista Sampaio Ferraz, baseado no fenômeno da atividade solar, previu a sêca de 51 a 54. Isto demonstra o progresso das indagações meteorológicas nestes últimos anos. Firmadas que sejam estas previsões nos fundamentos inequívocos da ciência meteorológica, de certo advirão inestimáveis vantagens para o Nordeste que poderá, então, defender-se, preventivamente, do flagelo das sêcas

A inconstância das chuvas, o temor das sêcas e a ausência de órgão previsor

do tempo, geram, pois, no espírito atribulado do sertanejo, grande inquietação, tanto maior quanto mais se aproxima a época das precipitações pluviais. Nesta conjuntura, a seu modo, entra o sertanejo a interpretar os fatos da natureza e a fazer previsões empíricas do tempo. Aliás, os sertanejos mais antigos e aqueles que fazem alguma leitura, emitem suas profecias arrimados em interpretações do **Lunário perpétuo** que, segundo Felipe Guerra, em **Sêcas contra sêca** "tem para muitos sertanejos, ainda a fôrça das Escrituras sagradas".

As previsões populares do tempo não são privativas do Nordeste brasileiro. Os Indus acreditam que quando as cobras dansam vai chover. Conta BREWTON BERRY que "Os caçadores de Bornéu observam as Pleíades e determinam o tempo para preparar a terra para a plantação." Informa GEORG BUSCHAN que "O cuco passa por anunciar e trazer a chuva, sobretudo quando seu canto é ouvido próximo das habitações". FRANZ BAUR, por sua vez, narra que na Alemanha "O desejo de poder prever o tempo é quase antigo como a própria humanidade, porque o tempo é para muitos ramos da atividade humana, principalmente para os que cuidam da alimentação do homem, de grande importância. Da observação do vento e das nuvens, ou da orientação dos animais e da transmissão verbal de resultados de observações, de geração para geração, formaram-se, vagamente, determinadas regras de tempo que se conservam, em parte até hoje".

O nordestino, mercê do insulamento do meio físico em que vive e por fôrça da natureza de sua personalidade anímica, "Tão mestiça quanto na sua constituição física" como preceitúa ALCÂNTARA MACHADO, em **Vida e morte do bandeirante**, não podia menos de tomar o mesmo rumo. Daí a sua postura perscrutadora em face do tempo e das coisas. Observa a posição das constelações, o movimento dos astros, o círculo da lua, a forma das nuvens e não deixa de reparar nas condições do ocaso nem nas circunstâncias personalíssimas em que nasce o sol em determinados dias. O canto dos pássaros, a atitude dos insetos, a conduta dos animais e o comportamento das árvores, outros tantos elementos são de que se socorrem os sertanejos para tirar conclusões sôbre se, no próximo ano, haverá sêca ou inverno. E tudo isto além de enriquecer o nosso variado folclore, constitui um corpo de doutrina, um código de sabedoria popular com que se procura deitar luz sôbre o futuro.

ADEMAR VIDAL, percuciente conhecedor da alma sertaneja, animado, talvez, do conceito de BREWTON BERRY de que "A natureza tem por esporte anunciar, generosamente, as suas intensões", empresta excepcional valor às previsões populares do tempo, ao afirmar que "O sertanejo é mestre no assunto, não erra, não se equivoca — fala de certeza".

É, na verdade, para os sertanejos tais experiências valem mais que tôda a ciência experimental dos doutores, porque são tradições orais que vêm de outras eras, legadas por seus maiores, homens bem experimentados nesse mistér. Daí a fé inviscerada que nelas depositam e que lhes mantem o tonus da esperança cheio de vitalidade. Quando alguém, em base científica, se aventura a predizer se o ano futuro é sêco ou molhado, o caboclo sertanejo costuma ironizá-lo dizendo que "Profecia de doutor não vale pra nada: quando diz que vem chuva é sêca e quando pensa em sêca o que aparece é inverno grande". No entender dos sertanejos ninguém melhor do que êles conhece os problemas de sua região porque nela vivem e observam.

Alguns dêsses profetas, adivinhadores da sêca e inverno, são discretos e reservados nas suas afirmações. Outros, porém, apresentam-se jactanciosos e não perdem oportunidade de fazer praça de suas previsões. Dêstes, o povo não perdôa os erros. A propósito conta Luís Vieira que, certo individuo assegurara que em tal ano as terras do Nordeste seriam assoladas de terrivel sêca. Como se não verificara tal previsão, o impostor quase fôra linchado pelo povo. Conheço outro caso de certo profeta que, havendo vaticinado sêca para 1950 e se não tendo vingado a sua predição, pois, 1950 foi ano de bom iverno, algumas pessoas pretenderam dar-lhe um banho na corrente tumultuosa de um rio transbordante, "Pra não sê becta, pois, só Deus sabe quando vem chuva", diziam.

Releva notar, entretanto, que, incontestàvelmente, muitas pessôas possuem aguçada sensibilidade de observação e se algumas destas observações ou experiências são destituídas de fundamento e bom senso, outras, todavia, não deixam de basear-se em razões que farte plausíveis. "Indivíduos incultos, comenta FELIX RENAULT, testemunham, às vezes, espírito de observação que muitas vezes os sábios não possuem".

* * *

Leio em Civilização e Cultura de Folk de ROBERT REDFIELD que, em Yucatan, onde, como no Nordeste brasileiro, há alternâncias de sêcas e invernos, cinco deuses de chuva ocupam, respectivamente, os pontos cardiais do firmamento e o centro do céu, os quais, sob a direção imediata de São Miguel, chefe supremo e mediador entre os homens e os deuses, governam as chuvas e têm poderes especiais para produzí-las torrencialmente. Há uma cerimônia anual, celebrada sob a invocação destas divindades, que assegura a chegada da chuva e outra, extraordinária, que associa, coletivamente, todos os homens do lugar, em ocasiões de ameaças de sêcas. Para fóra disto, em algumas localidades, de regra, pede-se chuva dirigindo-se preces ao santo padroeiro nove noites consecutivas.

No Nordeste brasileiro não existe esta incongruente simbiose de catolicismo e paganismo. Não possuímos deuses mandadores de inverno, nem o culto pagão das chuvas. Sendo, porém, a mentalidade do sertanejo, por índole e educação, nimiamente voltada para os santos e coisas sagradas do catolicismo, não podia deixar de ver, em tudo, a interferência divina. Por isso, quando as circunstâncias do tempo são ameaçadoras, fazem-se orações, procissões e promessas pessoais e coletivas aos santos tutelares, no intuito de que afastada seja com as chuvas benfazejas a perspectiva angustiosa da sêca. Neste sentido, a própria igreja católica, oficialmente, inculca orações específicas. Em aviso nº 396, de 18 de janeiro de 1954, por exemplo, aos padres de sua arquidiocese recomenda D. Antônio de Almeida Lustosa que durante a celebração das missas se reze a oração **Ad Pedendam Pluviam** em favor de bom inverno no referido ano.

Existem, entretanto, algumas lendas em que os santos do catolicismo são figuras capitulares. Assim é que, para virem as chuvas com abundância, costuma-se, às vezes, proceder à transferência das imagens de um altar para outro, não só dentro da mesma igreja, vila ou cidade, senão, também, para altares situados a várias léguas de distância. É costume, outrossim, roubar e ocultar os santos de altares particulares. Estas imagens, destarte expatriadas, só voltarão a seus próprios lares

quando o inverno se manifestar. Conta Celso Gomes de Matos ser crença geral no Crato que, quando se furta uma imagem de uma residência particular para depois entregá-la a seu respectivo dono, em procissão, êste santo assim desterrado faz chover. "Os santos retirados, abruptamente, dos seus lares para residirem em outro oratorio, sem festa, sem procissão e sem cânticos, informa Getúlio Cesar, por certo se ressentirão e, para voltar, fazem cair chuvas copiosas. É essa a crença do nosso povo".

Na época da nossa colonização os padres da Companhia de Jesus deprecavam chuvas promovendo procissões. É o que se depreende de uma carta do Padre Nóbrega, datada da Bahia, em 10-7-1559, e dirigida aos Padres de Portugal. Nela se da conta que entre as procissões efetuadas "principalmente uma fizeram pedindo chuva pela grande sêca que havia".

* * *

Ainda de todo não termina o inverno e já o sertanejo se preocupa de fazer experiências que possam algo revelar sôbre o próximo ano. Assim, as primeiras experiências são feitas em junho e se relacionam com São João e São Pedro. Diz-se que se no dia 23 ou 24 de junho, véspera ou dia de São João, cair um serenozinho ou pintar chuva durante o dia, o inverno do ano seguinte será bom. Afirma-se, outrossim, que se, à noite, cair chuva que apague a fogueira de São João, não faltará inverno, igualmente, no próximo ano. Veríssimo de Melo (**Chuva na tradição popular.** SOCIOLOGIA, março de 1951) anota esta experiência colhida por mim da bôca de um rurícula do município de Santa Quitéria. Contou-me Abílio Pinheiro da Silva, morador na propriedade Riacho Verde, no município de Itatira, que na véspera do dia de São João, no lugar em que fôr feita a fogueira, prèviamente se enterra uma garrafa cheia de água. Neste sítio, então, se levanta a fogueira No dia seguinte, extinta a mesma, se a garrafa conservar-se ainda cheia, haverá bom inverno. Se estiver inteiramente vasia, será uma sêca. Se nela existir bastante água, sinal é de inverno regular. Se, porém, houver muito pouca, conta-se com um inverno escasso. O dia de São Pedro também serve de experiência. Em fins de 1949 dizia-me Francisco Anastácio Costa, morador na fazenda Feijão, no município de Canindé, que quando o dia 29 de junho, dia de São Pedro, pinta chuva, o inverno vindouro é de bôas águas. Acrescentou-me, ainda, que, naquele ano, tal dia foi muito bonito, prometendo até rio cheio, por isso fez bons roçados e estava confiante que o ano de 50 seria um ano de muito bom inverno. E foi. Muitas pessôas do município de Canindé informam que quando o ano é bom gosta de pintar chuva, antecipadamente, do dia 3 para o dia 4 de outubro, dia de São Francisco. Mas esta observação não é exclusiva de Canindé. É, igualmente, feita em Mombaça. Assim é que Serafim Pedrosa de Lima afirma que quando há manifestação de chuva no dia 3 de outubro é bom sinal de inverno. Relâmpagos nos dias 7 e 8 de dezembro, véspera e dia da Conceição, significam ótimo prenúncio de bom e próximo inverno. Os sertanejos observam muito êste sinal que Felipe Guerra colheu no Rio Grande do Norte e consignou em **Sêcas contra sêca.** O dia 13 de dezembro não se passa sem se fazer a experiência de Santa Luzia. Sôbre uma superfície lisa qualquer, exposta ao sereno da noite, depõem-se-lhe seis pequenas pedras de sal que representam, designadamente, os seis primeiros meses do ano.

Na manhã seguinte o maior ou menor grau de humidade de cada pedra responde à maior ou menor intensidade de chuva no mês que ela representa. A êste respeito registra Felipe Guerra um fato cômico: "Contam que um gaiato, vendo uma velha colocar as pedrinhas em certo lugar, foi, às ocultas, e deitou uma gota dágua em cada pedra. Pela madrugada a velha ficou aterrorizada e alarmada ante a perspectiva de seis meses de inundações". Às seis horas da manhã do dia dois de fevereiro, dia de N. S. das Candeias, costuma-se fazer uma pequena fogueira com fragmentos de madeira a qual se não deixa enchamejar. Se a fumaça subir verticalmente é inverno ruim. Se, ao contrário, a fumaça espalhar,se rasteira, muito baixa, preconício é de bom inverno. A barra de nuvens com que se apresenta o amanhecer dos dias de Natal e Ano bom, traz, muita vez, indícios de inverno promissor.

Se, ao serem partidas as hóstias, nas missas do Galo e Ano-bom, dão elas um estalido crepitante, conclui-se em desfavor do ano; se, ao contrário, emitem som surdo, significa sinal de bom inverno. Disse-me um velho sertanejo residente no município de Patos que nunca deixa de assistir às missas do Galo e Ano-bom e ajoêlha-se sempre perto do padre a fim de escutar o estalo da hóstia consagrada. Acrescenta que é uma experiência dos seus avós que não falha. Um jovem português, residente em Fortaleza, informou-me que nas zonas rurais de Portugal os camponeses têm muito em conta esta experiência em certas previsões do tempo e se baseiam no estado higrométrico do ar. Se o estalo da hóstia é surdo é porque o tempo está húmido e prenuncia chuva. Se, ao revés, é crepitante, significa secura do ar, por conseguinte, falta de chuva. Abelardo Parreiras, a respeito desta experiência, faz, em **Sertanejos e Cangaceiros**, o seguinte comentário: "A experiência mater é sem dúvida esta. Consiste no seguinte: geralmente, nas capelas distanciadas do sertão, costumam os camponeses muito se esforçaram pela celebração desta solenidade. Da visinhança de muitas capelas, existentes no interior dos logarejos, acorre uma verdadeira multidão que se expraia ao longo das pequenas praças fronteirinhas às capelinhas do sertão. Precisamente à meia-noite o sacerdote inicia a missa. Sucede que, às vezes, ou a temperatura ambiente é de calor sufocante, ou se torna amenisada pela aproximação dos ventos alíseos, portadores de chuvas. Se na primeira hipótese (calor), a fração da partícula no altar dá um pequeno estalido, e logo, os circunstantes, apreensivos, retiram-se na convicção de "sêca"; se, porém, na segunda hipótese, (ventos alíseos) a fração litúrgica não produz estalido, e, imediatamente, inundam-se os ânimos de aliviçareiras esperanças de abundantes chuvas".

Contava o velho José de Barros, morador no sítio Petrópolis, próximo a Mulungú, na Serra de Baturité, que, se durante a festa de São Sebastião, celebrada naquela vila, de 10 a 20 de janeiro, os balões soltados à noite, depois da novena, se dirigiam para o lado do poente ou sertão, o inverno seria escasso. Se, porém, rumavam para o lado do nascente, podia-se contar com bom inverno.

Para o dia de São José, 19 de março, que é sempre precedido de novenário e promessas, já meio desconfiados, convergem os sertanejos as suas últimas esperanças sôbre o inverno do ano corrente. Se não chover até êste dia, está decretada a sêca. O dia 19 de março,naturalmente, pode apresentar modificações atmosféricas com indícios de chuva, mercê da influência equinoxial. Mas o sertanejo, que isto ignora, crê tão sòmente no poder de São José. Em **Ao som da viola** diz Gustavo

Barroso que "Tal crença é dos povos do oriente europeu e, através da Península Ibérica, modificada pelos ambientes e pelas devoções especiais, veio localizar-se no centro-norte do Brasil". Luís da Câmara Cascudo em **Anubis e outros ensaios** reafirma ter vindo de Portugal esta tradição. Todavia, cita um trabalho do Prof. J. A. Pires de Lima que julga ter esta crença popular origem muçulmana.

* * *

Além destas experiências relacionadas com os santos, outras, inúmeras, existem, não menos curiosas e originais, que se prendem à vida dos animais, dos vegetais, a condições particulares dos minerais, aos astros e, enfim, às variadas mutações da atmosfera

Vários sertanejos afirmaram-me que se, no fim do ano, o gado entra a comer osso, deve-se pensar numa sêca. Getúlio Cesar arrola êste fato em **Crendices do Nordeste**. No começo de dezembro de 1953, ao indagar de um morador da Fazenda Oitis, município de Itatira, se eram bôas as suas experiências de inverno para 1954, respondeu-me **da seguinte maneira: "A minha primeira** experiência, baseada na reprodução dos bichos do mato, era muito bôa doutor, porque o que não está dando cria esté amojado. Mas, agora, eu estou meio desconfiado de inverno porque o gado anda a roer osso pelos terreiros. Por isso eu só terei certeza de inverno ou de sêca no dia primeiro de janeiro. Se o sol dêste dia sair **embarcado** haverá bom inverno". Embarcado significa envolvido em nuvens.

"Tatu, deu o mês de novembro, dezembro, janeiro e dias de fevereiro, continuando magro, é bom sinal de inverno, embora tardio. Tatu gordo, nestes meses, significa sêca ou mau inverno", preceitúa Roque Macêdo. Tiago Pereira da Costa, residente na fazenda São Gerardo, no município de Canindé, revelou-me uma curiosidade sobremaneira surpreendente: "Nas vésperas das sêcas desaparecem os grãos dos preás Os sacos ficam vazios. Verifiquei isto nas eras de 18 e 31". Isto disse repleno de convicção Um sertanejo do município de Pedra Branca, fez-me, igualmente, a mesma revelação. Cumpre esclarecer que grão chama o sertanejo à glândula testicular. Contou-me o sertanejo Joaquim Serafim que, antes de uma sêca, não há quem mate uma cascavel, porque esta cobra não aparece, fica metida nos buracos. Um outro sertanejo confirma esta observação, alegando haver muita chuva quando as cobras começam a andar. Adianta Francisco Marques de Mesquita, residente em Bandeira, município de Itatira. que "Em 1949 houve muita cobra do mês de julho para agôsto e em 50 houve bom inverno. Também em 23 apareceu muita cobra miúda e em 24 foi um invernão".

Diz-se que a aranha caranguejeira faz uma toca e nela se mete. Quando está para chover ela se desentoca e começa a andar. A sua saída, bem como a das cobras, talvez, esteja influenciada pela pressão barométrica que aumenta com a aproximação do inverno.

O aruá, diz Luís Martins, do município de Canindé, vive apregado às árvores depois do inverno. Se, de janeiro para fevereiro, êle se desprega com facilidade, podemos contar com bom inverno. Se, porém, continua bem fisgado e só se destaca com dificuldade, esperemos um ano escasso.

Ilustre juiz, que dignifica uma das comarcas do sertão, contou-me que entre os seus jurisdicionados vige o seguinte conceito: quando a jirita retira os filhos

da crôa do rio, de dezembro para janeiro, significa inverno próximo com rio cheio. Grande mestre de Direito Civil de nossa Salamanca, de conversa comigo, deu-me esta informação: "O porco é um animal triste. Quando êle escaramuça com uma palha ou trapo qualquer na bôca, é sinal de chuva, conforme observação sertaneja". Esta observação vem referida por GETÚLIO CEZAR em Crendices do Nordeste e um sertanejo de Icó já ma transmitiu. ROQUE DE MACÊDO a divulgou igualmente. Afirmou-me um inspetor da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, muito andado pelo sertão, que, quando as lagartixas se desprendem, espontâneamente, das paredes e caem no solo, é sinal de chuva próxima. Conta o Coronel JOSÉ DE CASTELO BRANCO, em seu livro — **Noções elementares de Hidrologia e Radiestesia** — que, certa vez, ao proceder a estudos no vale do Ceará-Mirim, um caboclo lhe disse: "Seu Dôtor, por estes dias, tem que suspender o serviço porque vamos ter muita chuva". E explicou: Um rato houvera feito seu ninho no pé de uma toceira de cana e, depois, o desfez e reconstruiu em uma situação bastante elevada. O rato pressentira chuva e, por isso, procurou melhor resguardar o seu ninho. Dias após caiu grande chuva que alagou todo o canavial.

Afirma Francisco Pinheiro de Sousa, residente na Serra do Machado que, se, em dezembro, os sapos cururus berram no sêco, o ano seguinte é bom. Acrescenta observar êste fato, desde que teve entendimento e está com 50 anos de idade. Adianta, ainda, que seu pai o mesmo afirmava. A jia, igualmente, exerce as funções de instrumento previsor do tempo. Certa vez, ao atravessar a várzea do Assu, no Rio Grande do Norte, indaguei de um agricultor, ali residente, quais eram as suas experiências sôbre bom inverno. O caboclo não teve embaraço em responder-me, e, sem nutação, apontou para o tronco retorcido e brocado de uma velha oiticica inclinada para o leito do rio, à pouca distância de sua choça, e disse-me: "O que eu sei é que ali no tronco daquela oiticica, há 36 anos, mora uma jia que quando canta de novembro para dezembro, sem haver sinal de chuva, não deixa de ser bom o inverno no ano seguinte". Adiantou-me que em 1931 ninguem ouviu o ritmado martelar de seu canto e o resultado foi a sêca de 32.

Quando as formigas de roça botam a comida velha para fora do formigueiro de setembro em diante, informa Manoel Honorato, de Mombaça, o inverno é bom. Se, em dezembro, o cupim já tem asa, o inverno vindouro será cêdo e bom porque cupim só vôa com chuva. Tanajura é a saúva quando se mune de asas e vôa logo depois das primeiras chuvas. Há umas gordas e outras magras. Disse-me um sertanejo que quando há maior número de magras o inverno é ruim e quando, ao contrário, as gôrdas predominam, o inverno é bom. Acrescentou que em 1919 e 1942 quase todas eram magras e morriam, pois, só se enterravam as gordas. É versão corrente no sertão que, em aparecendo tanajuras em abundância, logo depois das primeiras chuvas, vai haver verão. No ano em que aparece muita mutuca logo depois das primeiras chuvas, há bom inverno. Contou-me um vaqueiro de Quixeramobim que "Em 1923 foi um mutucal tão doido que os animais corriam do mato e vinham todos para o terreiro das casas. Também não havia cristão que pudesse andar no mato".

No sertão existe um celeóptero de talhe avantajado, de nome serrador, porque serra circularmente galhos de árvores de alguns centímetros de circunferência. Dizem que no ano em que êste bezouro serra com muita atividade, o inverno seguinte será copioso. Há uma aranha que só faz a sua casa no solo. Quando ela constroi

muitas casas é sinal de muito inverno. A êste respeito afirma Pedro Felix, morador na fazenda Juá, município de Canindé, que, de agôsto para setembro de 1939, houve grande fartura de casas e o inverno de 40 foi muito bom. Conta-se que se a lagarta devora o milho e o feijão da primeira plantação, o inverno é bom; se, porém, come sòmente o milho e sobeja o feijão, o inverno não é bom.

* * *

Os pássaros não deixam de oferecer, igualmente, grande contribuição.

Jerônimo de Freitas, residente em Monte Alegre, município de Canindé, disse-me, uma vez, que, em vendo alegria nos pássaros, tudo cantando e fazendo ninho, também fica alegre porque é sinal de bom tempo. Uma ocasião, em trânsito por Acari, no Rio Grande do Norte, em meados de dezembro, interroguei a um velho sertanejo acerca das suas experiências atinentes ao próximo inverno, ao que respondeu por esta maneira: "Meu senhor, eu só sei dizer que quando há pombal o ano seguinte é bom. Nunca vi pombal sem bom inverno". No ano em que o pássaro João de Barro, também nomeado Maria de Barro, constroi a sua casa de berro com a porta voltada para o poente, é bom inverno. Se a faz voltada para o nascente é sêca. Se, porém, vemos várias casas com a porta indiferentemente aberta para diversos lados, é inverno escasso. Certa feita, ao indagar de um sertanejo se o inverno próximo era bom, respondeu-me: "Doutor, nem é bom, nem é ruim. Vamos ter um inverno de pouca chuva, mas criador. O senhor vê, as Maria de Barro estão fazendo as casas com as bôcas para todos os lados. Se fôsse tudo para o poente eu dizia que o inverno era bom e se fôsse tudo para o nascente era ruim. Mas como está tudo virado para todos os lados é como eu lhe digo".

No ano em que o periquito não perfura o cupim para ai fazer o seu ninho não haverá inverno. Costuma-se dizer que se a xiririca cantar pode botar o pote na goteira. Se as andorinhas voam baixo é sinal de chuva.

O anum preto é um pássaro associativo. Anda sempre em bando. Além do cântico ordinário, de todos os dias, êle tem um especial, cântico coral, em conjunto, que só é ouvido nas crôas, às margens dos rios e riachos e apresenta a singularidade de ser onomatopéico, lembrando o ruído provocado pelas enchentes. Canta dêste jeito sòmente no comêço do inverno, de sorte que, quando ouve o sertanejo a zoada dos anuns, nas crôas dos rios, o seu peito se dilata de alegria e fica a esperar chuva forte com cabeçada dágua. VERÍSSIMO DE MELO, em **Chuva na tradição popular (Sociologia, março de 1951. São Paulo)**, consigna, referido por Jonas Gurgel, como bom sinal "o gargarejado que fazem aglomerados, os anuns pretos dentro das moitas, nos baixios".

Não tem razão EURICO SANTOS ao dizer o seguinte, a páginas 143 do seu livro, **Da ema ao beija-flor**: "Quando o carão deixa de cantar é prenúncio de chuva, asseveram os nordestinos". É o contrário. O carão canta quando está para chover. O carão é, pois, outro pássaro que agoira chuva próxima e rios cheios. Leio a páginas 37, de Tigipió, de HERMAN LIMA, o seguinte: "Sôbre tôda a terra pairava um silêncio comovido e solene, o silêncio genésico da noite. Só, raro, um grito de carão à beira do rio prenunciando cheia certa". A êste respeito ainda se encontra concordância na seguinte evocação de EDUARDO GIRÃO em **Ao leu dos dias**: "Banabuiu das enchentes transbordantes que os carões anunciam das frondes marginais repi-

sando a mesma toada dolente, no encanto das noites". De feito, quando o sertanejo ouve-lhe o grito fica animoso e, em suas conversações com amigos e visinhos, não deixa de comentar esta novidade deveras alviçareira. No respectivo ao canto do carão cai a ponto uma história pitoresca. Certo fazendeiro concluira um açude em sua fazenda em meados de dezembro. Tudo pronto: a parede retilínea, bem socada, de coroamento perfeito. A bacia hidráulica tôda escoimada da mataria, escancarava-se para coletar os milhões de metros cúbicos de água fertilizante. Em uma das ombreiras rasgava-se o sangradouro disposto a dar vasão ao excesso pluvial. Foi nesta situação que, em um dos primeiros dias de janeiro, já antemanhã e ainda no interior de sua residência, ouviu o sertanejo o canto auspicioso do carão pressagiante. Não se conteve. Fitando o ouvido, de mansinho, abriu a porta de saída e caminhou até à fímbria do terreiro, a fim de ouví-lo mais aproximadamente. E, embevecido, alçou a voz repetidas vezes: "Canta, canta caraozinho de Nossa Senhora! Canta, canta caraozinho de Nossa Senhora!" Decorridos mais alguns dias desabou, à noite, um aguaceiro tremendo. Cessada a chuva correu o sertanejo, pela manhã, ao açude. A água, ansiosamente esperada, espraiava-se pela reprêsa e subia, vertiginosamente, no aclive da parede. O sangradouro angusto não dava fuga a todo o excesso das grandes águas. Por isso alcançaram elas o dorso da barragem e por sôbre esta se precipitaram à jusante numa erosão brutal, devoradora e irremediável Quando viu a massa líquida jorrar em borbotões, parede abaixo, e considerou perdido todo o seu esfôrço, voltou-se o sertanejo para a casa, e, braços em riste, bradou, bem alto, rumo dos carões que, na crôa do riacho do açude, indiferentes àquela tragédia, continuavam a cantar: "Vão cantar nos infernos carões de todos os diabos".

Consigna o Barão de Studart que "Rôla, fôgo-pagou, cantou, está adivinhando chuva". Quando as rolinhas rôxas põem pelo chão, diz-me José Pinheiro de Sousa, residente na Serra do Machado, é bom sinal. Ouví a seguinte afirmativa de um sertanejo: "Se no começo do ano uma galinha procura comida no terreiro, em noite de luar, é mau agouro para inverno. Afirmam, também, que quando as galinhas ciscam com maior intensidade é chuva próxima. Isto, comentam, é porque os bichos da terra vêm para a sua superfície quando está para chover.

O agricultor Miguel de Sousa, do distrito de Curupira, em entrevista concedida a um reporter associado em 10-11-1953, declarou não acreditar em bom inverno em 1954, pois que "O galo de campina em quem acredito como bom adivinhador de inverno, costuma, quando o ano vindouro é de chuva, cantar às primeiras horas da madrugada nos últimos meses do ano anterior. Isto a começar do mês de setembro e já estamos em outubro não tendo eu ouvido êsse bichinho estalar a essas horas".

* * *

As abelhas, também, são muito observadas. O velho Paulino, residente em Furnas, município de Canindé, disse-me, uma vez, que quando as abelhas de capuxu e enxu bebem água nas cacimbas, de setembro para outubro, pode-se contar com bom inverno. Em outubro de 1949, dizia-me o seguinte um sertanejo de Bôa-Viagem: "No tempo das sêcas as abelhas se escondem ou desaparecem". E exemplifica: "Em 1918 houve muito capuxu, de julho até outubro: dois, três, quatro em cada formigueiro. Depois as abelhas desapareceram e, no ano seguinte, 1919, foi uma

grande sêca. Êste ano está havendo muitas abelhas e isto me faz crer que vamos ter um bom inverno em 50". Se no fim do ano as abelhas enxamem muito na bôca do cortiço significa bom inverno no próximo ano. No ano em que a abelha jandaíra, diz o sertanejo Juca Carneiro, cobre os filhos com cêra, não há inverno. Acrescenta que no começo de 32 tirou diversos nestas condições. O arapuá só engorda nas entradas de sêca. Se, no fim do ano, o mel das abelhas é fino e amolecida a cêra, o ano seguinte é bom. Informou-me um morador no município de Quixadá que, na véspera de bom inverno o enxu só faz casa nos lugares mais altos e nos anos ruins tanto nos altos como nos baixos. E explicou-me: "Estes bichinhos do mato, todos êles adivinham. Quando o enxu deixa de fazer suas casas na baixa é porque êle já sabe, de antemão, que vêm enchentes que poderão destruí-las". Diz se que, no ano em que o cubatão, ou abelha vermelha, não aparece em fins dágua, nos alpendres das fazendas, o inverno seguinte é sempre ruim.

RODOLFO TEÓFILO, em **Sêcas do Ceará**, registrou o seguinte: "Em fevereiro de 1901 o povo, que em tudo julgava ver prognósticos, agourava a continuação da sêca pela enorme quantidade de cavalas, que, diàriamente, eram expostas à venda no mercado público de Fortaleza. Diziam que em 1899 tinha havido esta praga de cavalas e o ano havia sido sêco". De fins de dezembro de 51, até meados de janeiro de 52, houve extraordinária abundância de cavalas em nosso mercado. Firmado na referência de Rodolfo Teófilo, consultei a vários pescadores sôbre a possível correlação da abundância do referido peixe e uma sêca. Todos me afirmaram que era de fato, um mau sinal para inverno. Segundo o entender dos pescadores, peixe ovado no fim do ano é sinal de bom inverno.

* * *

A fecundidade e a bôa reprodução dos animais têm sempre uma significação muito lisonjeira para os sertanejos. Chico Capitão, por exemplo, em princípios de novembro de 1948, dizia-me, em Canindé, que a sua experiência para 49 era bôa e baseava-se tão sòmente na produção dos animais. E acrescentava: "Os tatus, os gatos do mato, os preás e os mocós estão todos amojados. Quando no fim do ano os animais não estão nestas condições, o inverno do ano seguinte é ruim". Indagando eu, em outubro de 1952, de Raimundo Ferreira, agricultor em Campos, município de Canindé, se suas experiências para 53 eram bôas, êle me respondeu: "As aparências são muito bôas, os animais estão todos dando cria e fazendo ninho. As abelhas de mel estão filhando com uma família monstra. Tudo isto é coisa de inverno". Em outubro de 1949, ao procurar saber de Miguel Carpina se as promessas do inverno de 50 eram satisfatórias, deu-me êle esta resposta: Pode contar com bom inverno, pois, tôdas as aves que produzem estão com a carga normal para o inverno futuro".

Conta Ademar Távora, em artigo publicado em **O Povo** de 14-2-48 que, em começo de fevereiro de 1948, ao manifestar o seu receio acêrca do inverno daquele ano a um velho fazendeiro da ribeira do Cangati. êste, prontamente, lhe tranqüilizou com a seguinte afirmação: "Desde que adquiri uso de razão, venho observando êste fato que aos meus antepassados já não era estranho: sempre que no mês de janeiro forem vistos filhotes de gato e de cobra no sertão do Nordeste, pode tôda gente ficar tranquila porque sêca não haverá naquele ano". Chico Pindoba, conforme refere

Monteiro de Morais, em artigo surto em **O Povo** de 2-7-49, com tôda a experiência dos seus 78 janeiros, dizia para aquele ilustre esculápio, em agôsto de 1923, na sua fazenda em Quixeramobim: "Quando vocimicê tivé pur êsses tempo, aqui no nosso sertão e vi três coisa assucederem, não tenha medo de sêca, mas bata a mão ao dinheiro e compre tôda a versidade de bicho de cabêlo que aparecê: É rolinha fazendo ninho no chão; cobra trepando nas arve, inroladas umas nas outras e gato maracajá produzindo fora da conta".

Ouvi de um sertanejo de Antenor Navarro a seguinte declaração: "O camaleão quando desova cêdo é bom sinal de inverno. Quando vai haver bom inverno já em outubro êle está enterrando os ovos". A respeito do camaleão, Getúlio Cesar regista uma particularidade muito interessante: "O camaleão marca as alturas das enchentes, quando põe e enterra os ovos nas barreiras dos riachos. Na altura em que êles estiverem enterrados, lá chegarão as enchentes".

Diz-se que em se matando um nambu codorniz, entre setembro e novembro, e fôr verificado que êle se encontra cheio de ovos pequenos, o inverno costuma vir cêdo, pois o nambu só desova quando o mato se mostra já crescido. Se, pois, nesta época já está adiantado na ovulação é porque o inverno virá cêdo. Muitas pessôas têm-me referido a correlação de bons invernos com a abundância de ninhos de rolinha cabocla, pelo chão, de julho até dezembro. Teremos bom inverno para o ano? Interroguei, certa vez, a um velho sertanejo do vale do Jaguaribe: "Teremos, sim senhor". Respendeu-me êle, corajosamente. "As rolinhas estão fazendo ninho, as rãs cantando pelo mato e se a gente quebra um páu sêco, está cheio de formiga criando asa". E concluiu: "Tudo isto são bôas experiências, meu patrão".

Firmado, sobretudo, na vida dos animais, Roque Macêdo, vez por outra, faz interessantes previsões que, quase sempre, se caracterizam pelo tom de originalidade que possuem. Ao "**Unitário**" de 25-12-1953, concedeu êle uma entrevista em que divulgou os 12 sinais seguintes, pressagiantes de ótimo inverno para 1954: 1º) As fêmeas do tatu estão prontas para dar cria nos primeiros dias de janeiro. 2º) Os pebas já estão com carrapato na barriga; quando o carrapato aparecer no sovaco dos pebas, a chuva cairá. 3º) A cobra cascavel está muito gorda e com filhotes. 4º) o bezouro serra-grosso começou a trabalhar desde o mês de julho e continua sua faina de derrubar galhos velhos de aroeira, sabiás e mororós. 5º) O coruja-bode está espantando os cavaleiros no sertão com seus berros e o cauã já principiou seus gritos nas matas. 6º) O tetéu não foge mais quando alguém se aproxima de seus ninhos, mas vôa em tôrno, defendendo-os, e só faz isso quando vai haver inverno para alimentar os filhotes. Vai aparecer tetéu novo em janeiro. 7º) As abelhas de ferrão estão trabalhando ativamente e os maribondos de chapéu (experiência do deputado Menezes Pimentel) estão se aproximando das casas grandes das fazendas. 8º) As "marias de barro" fizeram suas casas com as portinhas viradas para o poente para evitar a chuva. 9º) As maritacacas estão se mudando dos leitos dos riachos para os taboleiros. 10º) Os bacuris atiram palha para o lombo e dão cambalhotas pela madrugada. 11º) Os sapos, os cururus, os teiteis e as jias estão de boca aberta no mundo. 12º) Está chovendo no Piauí. As previsões do Roque falharam em grande parte, pois, o inverno de 54 foi muito irregular.

* * *

As árvores oferecem vasto contingente às experiências populares. Quando o angico deita muita rezina é bom sinal. Contou-me Nenen Chagas, residente na fazenda Carretão do Município de Quixeramobim, que, em 1920, durante o verão, todo angico tinha rezina e no ano seguinte, 21, houve bom inverno. Se o cajueiro flora cêdo é bom prenúncio para o inverno do ano seguinte. Disse-me Roque Macêdo vogar no município de Iracema a experiência de que no ano em que o Paudarco rôxo flora de junho para julho e segura bem a carga, haverá inverno no próximo ano. No ano em que a umarizeira carrega muito, o inverno é bom, diz Pedro Soares, residente em Arara, município de Canindé. Comenta Serafim Pedrosa Lima, agricultor no município de Mombaça que, em sua terra, quando as mangueiras floram muito em tôda a copa, o inverno é bom e se pode plantar, sem mêdo de perder, em qualquer lugar. Se, porém, carrega só por baixo é sinal de que a plantação só deverá ser feita nos baixios, porque será inverno de poucas águas. Salienta que, em novembro de 1951, as mangueiras carregaram bem e o inverno por lá foi bem regular em 1952. Francisco Marques de Mesquita, residente em Bandeira, município de Itatira, também tem muita fé na bôa floração das mangueiras. Para Miguel Carapina, quando o cumaru, em fins dágua, segura a carga, o inverno é ruim. J. FIGUEIREDO FILHO (**Principais aplicações do Cumaru no Nordeste Brasileiro**) consigna, afirmativamente, esta experiência: "A sua intensa produção é sinal de péssimo inverno no ano seguinte, conforme a experiência matuta". A aroeira, ao contrário, segurando, o inverno se prenuncia bom. Disse-me uma vez um sertanejo de Santa Quitéria, que no ano em que a carnaubeira, o juazeiro e a umarizeira floram e vingam bem, a primeira, de outubro para novembro, a segunda, de agôsto para setembro e a terceira, em janeiro, não pode deixar de haver bom inverno. Em fins de 1950 dizia-me um agricultor que estava muito desconfiado do inverno de 1951 porque os juàzeiros custaram muito a tomar carga.

Contou-me José Rodrigues Vaz, residente no município de Canindé, que no terreiro de sua casa existe uma timbaubeira. Quando ela muda a fôlha, tôda por igual, é bom inverno. Quando, porém, a folha nova vem com irregularidade, primeiro um galho, depois outro, o inverno é ruim. Informa Tiago Pereira da Costa, residente na fazenda São Gerardo, município de Canindé, que, se em outubro, ao tomar-se nas mãos um bocado de fôlhas de cafeeiro, elas estiverem macias, pode contar com inverno. Se, porém, estiverem ásperas como fôlhas de oiticica, prepare-se para a sêca.

Em Barragem, romance de INÊS MARIZ, leio o seguinte: "Estás vendo que invernão, Mariquinha? Diz o povo que vai ser mais formidave que o de 24. Bem que em outubro do ano passado a canafístula chorou... Minha experiência não falha nunca. Em 31 quem quisesse podia ir se pôr debaixo de uma. Nem uma gotinha. Em 32 foi aquele sêcão dos trezentos mile diabos". Isto dizia o personagem Zé Mariano à sua mulher. Um sertanejo de Quixeramobim narrou-me a mesma experiência. Disse-me êle que no fim de ano em que a canafístula "goteja água pelas fôlhas" o inverno seguinte é bom. Afirma-me um velho amigo residente em Tamboril que se, de novembro para dezembro, as cascas das árvores estão cheias de água, é bom prenúncio de inverno. Informou-me Abílio Pinheiro Silva, residente na fazenda Oitis, em Itatira, que, quando, antes de chover, as batatas do mato, como a cebola braba e o cará, ficam vexadas e começam a soltar as fôlhas no sêco, é sinal de inverno cêdo. Diz-se pelo sertão, que no ano em que o Pau de mocó não

flore, o ano seguinte é escasso. Em novembro de 1951 indaguei de um sertanejo acerca do inverno de 52. Respondeu-me estar muito animado porque o Pau de mocó que em 50 não havia florado, estava em 51 com uma carga muito bôa. Quando as barrigudas floram muito no mês de setembro, o próximo ano é bom, afirma José Pinheiro de Sousa, residente na Serra do Machado.

* * *

Os fenômenos meteorológicos e atmosféricos são, também, atentamente observados Isaias Pereira de Sousa, barbeiro em Canindé, observa uma experiência de seus avós que diz não falhar. Se, no dia 18 de outubro, o nascer e o pôr do sol são limpos sem barra, é sêca. Se há barra pela manhã e à tarde, bom inverno. Se há barra pela manhã e falta à tarde, ruim. Se falta barra pela manhã mas aparece à tarde, haverá inverno regular. Se pintar chuva durante o dia será inverno pesado.

Informa Roque Macêdo que o velho João Raimundo, de 99 anos de idade, morador na fazenda Tapera, do município de Pereiro, e seu pai de criação, diz que se no dia 18 de outubro há relâmpagos para o lado do Cariri, não falha bom inverno. Conta Raimundo Mesquita dos Santos, residente em Santa Quitéria, que se no dia 18 de outubro, ao pôr do sol, aparecerem, no poente, cabeças de torres de nuvens, pequenas, é bom sinal. Se no dia 18 de outubro fizer barra grande no poente, ao pôr do sol, afirma Emídio Marques da Silva, de Senador Pompeu, pode-se contar com inverno. Curiosa é a coincidência destas quatro últimas experiências serem feitas no mesmo dia e em municípios distantes.

Antônio Raimundo, de 76 anos, residente em Santa Rita, município de Canindé, informa ter muita confiança na experiência do mês de outubro. Cada grupo de 5 dias dêste mês representa um mês de inverno. Se pinta chuva de 1 a 5, choverá em janeiro e assim por diante. Se a pinta se verifica nos primeiros dias de cada grupo deverá chover na primeira quinzena. Se, porém, recair nos últimos, as chuvas virão no fim do mês. Se, no dia primeiro de dezembro, o sol sair raiado, é ruim e se sair limpo, sem raias, é bom, diz Emídio Marques da Silva, de Senador Pompeu. Quando a primeira lua cheia, de janeiro, sai com uma barra que acompanha a lua até certa altura, é bom sinal, disse-me um velho de São Miguel, no Rio Grande do Norte. Acrescentou-me, ainda, que, se sai com barra, mas é muito vermelha, é mau sinal e afirmou que em 1932 esta lua foi muito vermelha. Informa a tradição oral sertaneja que quando a lua é cheia de 25 para 27 de dezembro, o ano seguinte é ruim. A primeira lua de setembro de 1952 foi muito vermelha e isto é indício de inverno fraco no próximo ano, afirma Francisco Barros Martins, de São Serafim. Para Juca Carneiro, de Canindé, a lua cheia que tem valor é a primeira de agôsto: se esta lua não sai embaraçada, isto é, coberta de nevoeiro, não haverá bom inverno no ano próximo.

Quando não é para chover, diz Manoel Ferreira da Cruz, de Santa Quitéria, os ventos são altos e quando é para chover são baixos, arrastando tudo quanto é de cisco e poeira. Além disto há muito redemoinho subindo no ar". Acrescenta que "Em 19 houve muito redemoinho e no ano seguinte houve bom inverno". Em **Fôgo morto**, de JOSÉ LINS DO RÊGO, vemos que ao passar um redemoinho levantando folhas e cobrindo a estrada com uma nuvem de poeira, Vitorino Carneiro da

Cunha dizia para seu compadre, mestre Amaro: "Vamos ter chuva, compadre. Vento assim com êste bafo de bôca de fornalha não engana".

Em geral, segundo a tradição, chuva cêdo no Piauí núncio é de bom inverno no Ceará. A propósito, Domingos Olímpio, ao exprimir com muita justeza, em seu famoso **Luzia-Homem**, a angustiosa perspectiva do povo de Sobral, em meados de 1887, assim se expressa: "Os olhares anciosos procuravam, em vão, o fuzilar de relâmpagos longínquos a pestanejarem no rumo do Piauí, desvelando o negro perfil da Ibiapaba".

Quando as cristas das serras aparecem cobertas de nuvens é bom sinal de inverno. Um morador nas proximidades da Serra Azul, município de Quixadá, disse-me, uma vez, ao passar eu por lá, que, quando a cabeça da serra fica, em dias de dezembro, coberta de neve, é inverno com tôda a certeza. Consigna Antônio Bezerra, em Notas de viagem, que o serrote Feiticeiro, que demora de Tamboril cêrca de 6 quilômetros, serve de barômetro dos seus habitantes. E comenta: "Tôda vez que aquela penedia se apresenta nevoada, não há que duvidar, a chuva é certa; e, assim, tem sido sempre, de sorte que do aparecimento desse sinal depende a aproximação ou ausência dos invernos. De 1876 a 1877, falhando a experiência no tempo devido, derramou-se o desânimo no seio da população com a certeza de terrível sêca, e foi esta localidade a que mais sofreu as consequências, pois que a sua maior riqueza consistia na criação de gados". Diz-se, outrossim, que, se nos primeiros dias de cada ano, as serras, ao longe, amanhecem cinzentas, é mau sinal. Esta observação já ouvi a diversos sertanejos e a encontrei referida em **Aves de arribação** de ANTÔNIO SALES.

Os cavaleiros da praia são constituídos por uma série de nuvens em forma de bolas, arredondadas, baixas, formando fila, que se levantam no horizonte, do lado do mar e navegam do norte para o sul. Ainda que o tempo esteja ruim o aparecimento dos cavaleiros alenta as esperanças.

Reza a tradição de Canindé que o Capitão José da Cruz costumava dizer que chuva durante o verão era prenúncio de sêca ou inverno tardio.

Comenta o povo, que o inverno é bom quando começa no sertão e acaba na pancada do mar. Afirma-se que quando no fim do ano as noites de escuro, sem luar, são relativamente claras, é mau augúrio de inverno.

Se, no começo de inverno, as chuvas caídas cobrem apenas faixas estreitas de terra, em diversas zonas, não se deve esperar bom inverno. Estas chuvas são chamadas **chuvas de manga**. A propósito das chuvas de manga diz, o seguinte Celso Gomes de Matos em uma de suas correspondências **para o Correio do Ceará**: "Começo a vida das roças. Já vi três sêcas: 15, 19 e 32, e categórico como desejaria ser nas minhas informações, digo que não me enganam **chuvas de manga**".

As estrêlas, também, não deixam de ser observadas. Se nos três últimos meses do ano apresentam-se luminosas e brilhantes indicam sêca. Quando, porém, na mesma época, se mostram embaçadas e sem brilho, prenunciam a adveniência de inverno abundante.

Se, de setembro para novembro, ao arrancar-se um seixo que esteja com uma parte exposta, a parte enterrada se encontrar com a superfície suada ou humedecida, choverá bastante. D. Antônio Lustosa compendiou, em **Notas a lapis**, que o sal em se apresentando mais ou menos húmido, é sinal de alta significação para alguns observadores sertanejos. Informa Pedro Soares, morador em Arara, município de

Canindé, que quando o inverno é bom as águas das fontes e cacimbas crescem muito no fim do ano. Nas cacimbas de gado, por exemplo, ora por outra é preciso levantar o pau do bebedouro porque a água crescida o submerge. "Em novembro ou dezembro, mesmo em outubro, em plena sêca, os olhos dágua e as fontes perenes, mostram sensível aumento de águas? Bom sinal". consigna FELIPE GUERRA em **Sêcas contra a sêca. A êste respeito vejamos uma justificativa de SAMPAIO FERRAZ: (Previsão do tempo. Indicações e abusões condenáveis. Anuário do Ministério da Agricultura)** "Não é fenômeno habitual. Sòmente uma ou outra mina dágua, um ou outro pôço nos podem auxiliar a prever a mudança do tempo ligada a baixas pressões. Observa-se que em certo pôço as águas sobem passageiramente e que outro, quase sem água, passa a borbulhar ruidosamente horas antes da perturbação atmosférica. Certa mina passa a dar um filete mais grosso, e outra, dantes sêca começa a brotar água com surpreendente intensidade. Todos esses fenômenos são facilmente explicados pela hidrostática, dada a introdução do ar ou de gases quaisquer pelas fissuras, vazios e fendilhamentos do solo em tempo sêco, intercalando-se os mesmos entre as águas nos condutos naturais dos lençois freáticos ou superficiais".

O sertanejo Raimundo Davi contou-me, uma vez, que no fim de cada ano enche dágua uma cabaça virgem, deixando dois dedos de folga. Se a água, dentro de dois dias, cresce e derrama, é certo o bom inverno. Disse-me o velho Cosme de Morais, morador no pé da Serra do Machado, que se sonha, no fim do ano, com roçado de milho já maduro, o inverno seguinte é abundante. Acrescentou que êste seu sonho tem dado certo muitas vezes e, por isto, muita gente nele tem muita fé. De uma feita sonhou só com uma tamboeira e o inverno foi ruim e os legumes muito poucos. O velho Cosme, de certo, considera-se adstrito ao conceito daqueles autores antigos, crentes de que os sonhos dos homens lhes forneciam avisos úteis.

Ao indagar do negro Assis Salgado, em um encontro que com êle tive em dezembro de 1948, em Canindé, sôbre se tinha esperanças para o próximo ano de 1949, respondeu-me que nada sabia, mas uma coisa dizia e muito certa: "Quando de novembro para dezembro passam muitos aviões, o ano seguinte é muito ruim, porque os aviões afastam as nuvens e acarretam, assim, um mau inverno". E acrescentou, ainda: "A fumaça dos aviões é mesmo que veneno. Quando êles baixam muito produz ela uma morrinha no gado que fica triste, arrepiado, se mete nas moitas e acaba morrendo".

Fala-se muito nas eras bôas e más do século passado que os sertanejos, por tradição, têm em memória e com as quais devem corresponder eras semelhantes no século presente. A era de 5 é muito temida porque tivemos no século pretérito as sêcas de 25 e 45 e, no atual, a de 15. A era de 2 incute sérios receios porque tivemos duas grandes sêcas nesta era: 32 e 42. A era de 7 lembra, logo, os horrores das sêcas de 1777 e de 188. Em **A Camponesa** de JOÃO MIGUEL DA FONSECA LÔBO, no diálogo entretido entre o **moço e a velhinha,** ao pressentir esta uma sêca em 1877 e indagar aquele o motivo de tal previsão, a velhinha assim se manifesta: "Moço, porque é o centenário de uma sêca grande em 1777. Disse-me o Capitão Braço-Forte, que as variações notáveis do tempo se repetem de cem em cem anos com uma precisão matemática: é assim que no século passado houve sêca grande

em 25, outra em 45, outra em 77 e outra em 92; e neste século já se repetiram a de 25 e a de 54 — ciclos de 100 anos; e, pois, terão de vir as de 77 e 92".

* * *

Ao concluir esta despretenciosa palestra em que procurei sistematizar um assunto folclórico tão curioso e interessante que tem vivido à margem da preocupação dos estudiosos pesquisadores, não posso eximir-me de trasladar as judiciosas palavras do grande mestre JOÃO RIBEIRO, exaradas em **Colmeia**, ao apreciar as **Leis das séries** de PAULO RAMMERER: "As superstições, crendices, preconceitos, abusões e erros populares formam uma congérie de fatos e fantasias que, longe de serem desprezíveis, devem acordar o estímulo dos sábios e contrapor ao materialismo da física um valor novo de espiritualidade".